

DIÁLOGOS EMERGENTES ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A DECOLONIALIDADE: UM OLHAR A PARTIR DO ESTADO DA ARTE

Luciana Cavalcante Carneiro ¹
Giselle Alves Martins ²

RESUMO

O atual cenário de crise ambiental tem revelado uma crise de paradigmas estruturantes da Modernidade cujas raízes herdadas do sistema colonial perpetuam mecanismos de poder que subalternizam populações ao expropriá-los, simbólica e objetivamente, da natureza. Esse padrão de colonialidade da natureza revela os dispositivos que legitimam a degradação socioambiental. A insurgência de projetos ancestrais e cosmogônicos que resistem a esse paradigma de ruptura com a natureza, caracterizam as dissidências Decoloniais, os quais apontam potencialidade de diálogo com a Educação Ambiental, tendo em vista que ambos os campos fornecem caminhos convergentes para atender aos desafios dessa crise. O estado da arte expresso neste estudo busca trazer as contribuições teóricas da relação entre a Decolonialidade e a Educação Ambiental publicadas entre 2013 e 2019, e a partir de seu caráter bibliográfico e descritivo, a metodologia permite traçar um panorama das principais tendências da pesquisa nessa área. Ao total foram identificados e mapeados 11 artigos, amostra considerada incipiente tendo em vista a urgência do assunto. A categorização emergiu em três diálogos principais: cultural, epistêmico e político, os quais estruturam as contribuições geradas a partir da intersecção entre as áreas mencionadas. Assim, transpassada pela Decolonialidade, a Educação Ambiental busca romper com os paradigmas da crise, priorizando práticas pedagógicas que valorizam as identidades culturais e seus territórios, promover as trocas inter-epistêmicas por meio da ecologia de saberes e fazer aliança com a Ecologia Política e a Justiça Ambiental ao emergir das lutas pela emancipação das culturas-naturezas.

Palavras-chave: Crise ambiental, Colonialidade, Estado da arte.

INTRODUÇÃO

A crise ambiental anuncia uma era demarcada por alarmantes riscos planetários, os quais são expressos por um conjunto crescente de projeções científicas que antecipam as consequências caóticas de um futuro rompido pela exponencial degradação ambiental em curso. Diante desse cenário, torna-se urgente indagar sobre as bases da narrativa histórica que norteiam as formas de conceber, ocupar e transformar o mundo. E ainda, de como esses pilares tornaram-

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Universidade de São Paulo - USP, luciana.carneiro@alumni.usp.br;

² Doutora em Ciências pelo Programa de Biologia Comparada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Universidade de São Paulo - USP, gisellealvesmartins@gmail.com;

se hegemônicos. É no seio desses questionamentos que são revelados as heranças do pensamento moderno-colonial na constituição de um padrão globalizante da Modernidade e sua intrínseca relação com os paradigmas que legitimam a instrumentalização da natureza. Assim, a crise ambiental se apresenta como “uma angústia da separação da cultura de suas raízes orgânicas”, isto é, uma fissura ontológica construída a partir da ruptura entre a cultura e a natureza (LEFF, 2006, p. 77).

O colonialismo europeu deflagrou um episódio para além da relação colonial de controle político, militar e econômico de um povo sobre outro, instaurando um conjunto de dispositivos de dominação gradual enraizado na esfera subjetiva, simbólica, epistêmica e ontológica. Esses processos receberam o nome de colonialidade e ao serem introjetados nas dimensões imaginárias, propiciaram a difusão de uma narrativa calcada pela exploração de populações negras e indígenas, incorporando seus elementos- materiais e simbólicos- nas transações do mercado mercantil. (SANTOS, MENESES, NUNES, 2004; ESCOBAR, 2005; QUIJANO, 2007; ALBÁN; ROSERO, 2016). Logo, a colonialidade da natureza deflagra um padrão de extermínio cosmogônico e constitui herança estruturante da crise ambiental vigente (WALSH, 2009).

A subversão à matriz colonial é visualizada a partir das vozes que ecoam entre as rachaduras e periferias mundiais, em um processo intransigente de resistir e lutar pelo direito à diferença, pelos seus modos outros de ser, viver, sonhar e existir. Insurgem projetos Decoloniais que assumem a concretude da pluralidade, desafiando o pensamento reducionista, eurocêntrico e civilizatório. (WALSH, 2009).

Diante deste contexto, inflamado pela crise ambiental e pelas determinações coloniais antiecológicas, que emergem as rotas insurgentes para o seu enfrentamento, construídas a partir do eixo múltiplo da dialética cultura e natureza nas dissidências Decoloniais. Assim, a Decolonialidade admite possibilidade de inter-relação com a Educação Ambiental (EA), aqui

caracterizada como dimensão de aprendizagem entre distintos atores sociais, circunscritos em um amplo espectro de concepções ambientais e contextos (SALGADO; MENEZES; SÁNCHEZ, 2019).

A década de 1960 foi demarcada por intensas reverberações políticas acerca dos alardes causados pelas consequências ambientais das ações antrópicas, sendo este contexto crucial para o reconhecimento internacional da Educação Ambiental (REIGOTA, 2009). A redemocratização brasileira pós ditadura em 1980 também veio acompanhada dessas reflexões, onde a articulação de militantes, movimentos e atores diversos contribuíram para a instituição do projeto de lei 9.795/99, o qual outorgou e regulamentou a EA, devendo esta ser presente nos diversos níveis da educação básica (BRASIL, 1999). Desde então, a EA tem se apresentado como um novo caminho do pedagógico e do saber, conectando temáticas que abordam a sociedade, o meio ambiente e a educação, efetivando a possibilidade de concatenar os diversos paradigmas envolvidos nas relações entre ser humano e natureza (LIMA, 2004).

A partir do panorama descrito, deflagra-se uma crise ambiental legitimada pelos paradigmas da colonialidade, os quais são confrontados pelos movimentos Decoloniais que germinam um conjunto simbólico e multivariado de apropriação da natureza. Por conseguinte, este campo carrega sua potencialidade de convergir com a Educação Ambiental, a qual carrega em seu escopo propostas que podem atender aos desafios desse cenário de crise. Logo, o presente artigo tem como objetivo verificar e apresentar as contribuições teóricas da relação entre a Decolonialidade e a Educação Ambiental por meio do estado da arte de artigos científicos publicados entre 2013 e 2019.

METODOLOGIA

Este estudo se lançou a realizar uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, inventariante e descritivo por meio da metodologia estado da arte, a qual busca realizar um diagnóstico das produções científicas em uma área, elucidando as suas principais tendências e abordagens em um período determinado. O Estado da arte é uma oportunidade de integrar um alto volume de informações produzidas ao longo do tempo em uma área. Ao sistematizar seus conhecimentos, almeja “responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidos” (FERREIRA, 2002, p. 258). Por conseguinte, contribui para a socialização compilada das informações, possibilitando um delineamento da evolução geral do campo de pesquisa retratado (ROMANOWSKI; ENS, 2006)

Na metodologia, a coleta de dados é viabilizada por um levantamento bibliográfico, o qual irá definir o *corpus*³ do estado da arte que é submetido a um mapeamento, possibilitando visualizar a distribuição dos principais atores, grupos e contextos envolvidos na pesquisa (ROMANOWSKI; ENS, 2006). O recorte temporal delimitado para o levantamento foi norteado pela publicação do livro editado por Walsh (2013), o qual põe em diálogo um conjunto múltiplo de narrativas cujos modos de existir são alicerçados por estratégias emergentes da própria experiência das lutas e resistências, as Pedagogias Decoloniais (ADAMS, 2015).

Foram escolhidas 15 fontes de divulgação online, direcionadas a partir de Mota (2017) e Morales-Martínez e Florêncio (2018), dentre as quais incluem base de dados eletrônicos e revistas brasileiras de Educação Ambiental: Portal de Periódicos Capes, Scopus, Web of Science, Scielo, Ambiente e Educação- Revista de Educação Ambiental, Pesquisa em Educação Ambiental, Revista Brasileira de Educação Ambiental, Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), Educação Ambiental em ação, Revista Ciências Ambientais

³ Corpus é o termo dado ao conjunto de documentos que serão submetidos a procedimentos analíticos (BARDIN, 1977).

& Desenvolvimento, Revista de estudos ambientais – REA, Revista Monografias ambientais, Revista Brasileira de Meio Ambiente, Revista Sergipana de Educação Ambiental e Revista de Educomunicação Ambiental.

Os descritores utilizados na ferramenta de busca foram: “colonialidade”, “decolonialidade”, “descolonização” e “educação ambiental”, que também foram usados os mesmos termos em língua inglesa (*decoloniality*, *coloniality*, *decolonization* e *environmental education*). A estratégia de coleta de dados para o estabelecimento de um filtro de seleção foi direcionada pela utilização de operadores booleanos AND, ADJ (E) e a truncagem de palavras que é demarcada por um asterisco (*) colocado após o radical do descritor. Como exemplo, mostra-se: “decolonial* AND educação ADJ ambiental” (PANZZINI et al., 2012).

Dentre os critérios de inclusão, os artigos selecionados deveriam simultaneamente tratar em seu eixo central de discussão a intersecção entre os estudos Decoloniais e a Educação Ambiental; pesquisas que foram construídas por autores brasileiros ou estrangeiros que fossem ligados a instituições brasileiras cujas produções apresentam o Brasil como contexto de enunciação; e recorte de intervalo temporal de 2013 a 2019.

Em seguida à constituição do *corpus* do estado da arte, a análise dos dados é realizada através da geração de categorias que possam apontar os direcionamentos, potencialidades e contribuições da pesquisa. As categorias são construídas por meio de um processo de compilação e sistematização dos elementos textuais, de modo a gerar definições amplas que possam evidenciar as interpretações abrangentes presentes nas narrativas analisadas (ROMANOWSKI; ENS, 2006). Para isso, foi realizado um diálogo e readaptação do processo de categorização da análise de conteúdo de Bardin (1977).

A análise dos elementos textuais ocorreu por um processo de codificação em que o material de análise⁴ foi recortado em componentes menores através do estabelecimento de dois elementos distintos: a unidade de registro (UR) que corresponde a uma unidade básica de significação; e a unidade de contexto (UC) que abrange a unidade de registro, possuindo maiores dimensões que esta de forma a atribuir-lhe sentido e compreensão do significado que expressa.

As unidades de registro foram escolhidas tendo em vista sua relação semântica com as categorias a priori, sendo exclusivas. A partir da identificação das URs e seu respectivo pertencimento à uma categoria a priori, as unidades de contexto foram identificadas, categorizadas e consecutivamente agrupadas. Dessa maneira, o processo de categorização objetiva proporcionar “por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” por meio da visibilização de índices escamoteados” (BARDIN, 1977, p. 119).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estado da arte permitiu verificar a ocorrência de 11 artigos científicos que discutem a relação entre a Decolonialidade e a Educação Ambiental no Brasil no período de 2013 a 2019, os quais foram mapeados conforme o Quadro 2 a seguir.

Quadro 1 - Mapeamento dos artigos do estado da arte

Título do artigo	Autor e Ano	Fonte de divulgação
Entre os remanescentes do colonialismo e a insurgência da autonarrativa na construção de mapas sociais participativos: rumo a uma metodologia de educação da terra	Sato; Silva & Jaber (2014)	<i>Web of Science</i>

⁴ O material de análise consistiu no resumo apresentado pelos artigos e em uma síntese descritiva de autoria própria elaborada para cada um, o qual está presente na monografia apresentada ao Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) para obtenção do título de Licenciatura em Ciências biológicas.

Interculturalidade, exclusão e libertação em Paulo Freire na leitura de Enrique Dussel: Aproximações “Crítico- Metodológicas” para a pesquisa em Educação Ambiental	Costa; Loureiro (2015)	Pesquisa em Educação Ambiental
Educação Ambiental e a descolonização do pensamento	Martha Tristão (2016)	<i>Web of Science</i> ; REMEA
Espacialização da educação ambiental: consciência territorial crítica e construção radical de lugar na escola pública	Nicolas Stahelin (2017)	Portal de Periódicos Capes
Decolonizar o pensamento: apontamentos e entrelaçamentos epistêmicos com a educação ambiental	Tristão; Vieiras (2017)	REMEA
Um exercício decolonial na Educação Ambiental: a territorialidade em uma reserva extrativista	Vieira (2018)	<i>Web of Science</i> ; REMEA
Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória	Guimarães (2018)	Pesquisa em Educação Ambiental
Cartografia do desejo ambiental na universidade: possibilidades de atravessamentos da educação ambiental na formação acadêmica	Pessoa; Tristão (2019)	<i>Web of Science</i> ; REMEA
Educação Ambiental crítica e estudos de patrimônio crítico: intersecções e virada para pedagogias decoloniais	Pelacani; Muniz; Sánchez (2019)	Revista Brasileira de Educação Ambiental
Ecologia política na educação ambiental e as potencialidades pedagógicas dos conflitos ambientais	Kassiadou; Sánchez (2019)	Revista Sergipana de Educação Ambiental
Educação ambiental no sul: abordagens e perspectivas críticas do panorama latino-americano	Storti; Sanchez (2019)	Portal de Periódicos Capes; <i>Web of Science</i>

Fonte: Autoria própria

O mapeamento possibilita visualizar um número crescente de artigos com a temática pesquisada quando comparado com a inexistência de dados para o ano de 2013. Ainda, aponta a maior concentração de artigos nas plataformas *Web of Science* e na Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) em relação às 15 fontes pesquisadas, e ainda revelam que, entre os 11 documentos coletados, 6 deles foram desenvolvidos por 2 autores principais: Martha Tristão (2016; 2017; 2019) e Celso Sanchez (2019).

Diante dessa distribuição, como salienta BALLESTRIN (2013), o Brasil enfrenta o desafio de reconhecer, identificar e transpor as multifacetadas da colonialidade, sublinhando a necessidade de diálogos com projetos decoloniais nas práticas sociais, sendo o campo da Educação Ambiental aqui destacado. Entretanto, o mapeamento permite considerar que o resultado quantitativo encontrado é inferior ao almejado, compreendendo-se uma disseminação pouco abrangente. O panorama traçado converge com Kassiadou (2018), que ressalta a baixa difusão do campo de intersecção entre a Decolonialidade e a EA nas pesquisas científicas.

3.1 Da categorização a emergência dos diálogos

O estado da arte emergiu em três categorias *a priori*⁵ (Quadro 2): cultura, episteme e política, as quais serão aqui brevemente apresentadas, por apontarem para as macro-abordagens gerais que direcionam as narrativas das produções científicas. A intersecção entre essas três categorias permitiu a visualização de outras quatro categorias elencadas *a posteriori*, descritas no trabalho mencionado (nota de rodapé⁶). As unidades de registro bem como as UCs onde estão imersas estão apresentadas no Quadro 3.

Quadro 2 - Definição de cada categoria *a priori*

Categoria	Definição	Exemplo de URs
Cultura	Conjunto de significados que são construídos e compartilhados de maneira dinâmica nos sistemas sociais. Envolve elementos imateriais e materiais (JOHNSON, 1997; GEETZ, 2008).	Território, identidade, cultura, valores, hábitos, símbolos.
Episteme	Conjunto de narrativas em um período que possui caráter maleável e até contraditório, apresentando diferentes possibilidades de condições discursivas necessárias à constituição de um saber e componentes do conhecimento. (FOUCAULT, 2008).	saberes, epistemes, conhecimento epistemologia
Política	Refere-se a geração, repartição e organização do poder nas instâncias coletivas, onde se configura os antagonismos, as disputas e os conflitos. (JOHNSON, 1997).	desigualdade, poder, conflito, libertação, subalternidade, movimentos sociais, injustiça, cidadania

Fonte: Autoria própria

⁵ Foram geradas 7 categorias que estão apresentados na monografia apresentada ao Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) para obtenção do título de Licenciatura em Ciências biológicas.

No Quadro 4 é colocado exemplo de UCs para cada categoria, realçando em *itálico* as URs presentes em cada uma.

Quadro 3 - Exemplo de unidade de contexto para cada categoria a posteriori e suas respectivas unidades de registro.

Categoria	Unidade de Contexto
Cultura	A Educação Ambiental vem produzindo uma narrativa sobre o que é importante considerar em suas análises e as especificidades do lugar em suas relações com a <i>cultura</i> local.
Episteme	Valorização de <i>saberes</i> e práticas que possam ser sustentáveis e viáveis ao grupo envolvido em tais ações educativas.
Política	Reinventando-se e criando constantemente novas estratégias, os <i>movimentos de luta</i> no Sul mostram um potencial criativo que ajuda a refletir a educação ambiental de maneira estruturante.

Fonte: Autoria própria

A metodologia vislumbrou 3 eixos dialógicos: cultural, epistêmico e político, os quais geram, constroem e estruturam as principais contribuições e abordagens da relação entre a Educação Ambiental e a Decolonialidade. Assim, o estado da arte permite visualizar um panorama das principais narrativas emergentes nos artigos, evidenciando a diversidade de contextos e protagonistas envolvidos.

O diálogo cultural esboça uma Educação Ambiental cujas práticas tornam-se capazes de expandir e fortalecer as identidades, as territorialidades, as memórias e as narrativas a partir da pluralidade simbólica e subjetiva das relações estabelecidas dinamicamente com o ambiente (TRISTÃO, 2016). A cultura se entrelaça na sinergia identidade e a tríade território – territorialização- territorialidade. Como afirma Haesbaert (2004, p. 3): “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico”. Logo, a EA é aquela que privilegia os processos de produção do espaço a partir das memórias ancestrais ali vinculadas, confrontando a extermínio simbólica interligada às expropriações territoriais.

O diálogo epistêmico desvela uma prática pedagógica que resiste à marginalização dos saberes, renunciando à universalidade dos conhecimentos científicos. Destaca-se uma realidade composta por uma gama variável de discursos epistêmicos que se fazem contemporâneos pela perspectiva da justiça cognitiva. Reconhecer esse universo múltiplo de saberes constitui a ecologia de saberes, a qual estabelece elos com a Educação Ambiental e que almeja transpor as barreiras que limitam as trocas inter-epistêmicas, propiciando novos saberes de se expressarem em prol de um saber outro (TRISTÃO; VIEIRA, 2017).

No diálogo político as inter-relações com a Decolonialidade promove a aproximação da Educação Ambiental aos conflitos que emergem em torno das questões ambientais, denunciando as relações de poder que se caracterizam pela assimétrica distribuição material e simbólica dos fatores ecológicos. É nesse campo de resistência que se caracterizam os “conflitos distributivos”, os quais compõem as pautas em Ecologia Política e na Justiça Ambiental. Nesse cenário, a EA se articula com as potencialidades pedagógicas das lutas e se alia aos movimentos sociais pela reapropriação social da natureza (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013).

Dessa forma, o estado da arte permitiu elucidar um panorama teórica da inter-relação entre a Decolonialidade e a Educação Ambiental. E a partir dessa intersecção dinâmica, materializa-se um projeto educativo de caráter processual, mediado por múltiplos atores, e embasado na emancipação da natureza e as experiências culturais, epistêmicas e políticas que carregam outros significados com ela, insurgindo em um paradigma outro, maleável e dissonante ao tornar outras realidades possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da arte se mostrou ser uma ferramenta metodológica pertinente para alcançar os objetivos propostos no trabalho, identificando, mapeando e elucidando abordagens teóricas afloradas na intersecção entre a Educação Ambiental e a Decolonialidade. Permitiu visualizar o nível de distribuição da produção científica no período delimitado e entre grupos de pesquisa; sistematizar o campo focalizado e apontar a variabilidade de contextos a atores envolvidos nas narrativas.

Dessa forma, a partir dos resultados e discussões apresentados e ressaltando a necessidade de maiores produções científicas no campo teórico aqui focalizado, espera-se que este estudo propicie subsídios para o desenvolvimento de novas pesquisas, contribuindo com a maior consolidação e aplicação social das reflexões e práticas abordadas a partir da relação entre a Educação Ambiental e a Decolonialidade

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Justiça ambiental: narrativas de resistência ao risco social ampliado. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. MMA: Brasília, p. 219-228, 2005.

ADAMS, T. WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir,(re) existir y (re) vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. **Práxis Educativa**, v. 10, n. 2, p. 585-590, 2015.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, Aug. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, Cesar Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. Interculturalidade, exclusão e libertação em Paulo Freire na leitura de Enrique Dussel: Aproximações “Crítico- Metodológicas” para a pesquisa em Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 10, n. 1, p. 70-87, 2015.

ESCOBAR, A. Depois da Natureza: passos para uma Ecología Política Antiessencialista. In: PARREIRA, C.; ALIMONDA, H. (Orgs). **Políticas Públicas Ambientais Latino- Americanas**, FLACSO Brasil/Abaré, Brasília, 2005.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, p. 323, 2008.

GUIMARÃES, M. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 13, n. 1, p. 58-66, 2018.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Porto Alegre**, 2004.

KASSIADOU, A. Educação Ambiental crítica e decolonial: reflexões a partir do pensamento decolonial Latino-americano. In: _____ et al (org.). **Educação Ambiental desde El Sur**. Macaé, Rio de Janeiro: Nupem, 2018. Cap. 1. p. 25-42.

JOHNSON, A. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. tradução: CABRAL, L. C. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 555, 2006.

LIMA, G. F. C. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 85-111, 2004.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, n. 1, p. 53-71, 2013.

MORALES MARTÍNEZ, E. D.; FLORÊNCIO, J. G. El debate sobre decolonialidad, aspectos indígenas y medio ambiente en América Latina. Un análisis sobre el estado del arte. **Foro internacional**, México, v. 58, n. 1, p. 131-160, Mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-013X2018000100131&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Set. 2020.

MOTA, V. R. Lista de Revistas Científicas Nacionais. Juiz de Fora, Mg: **Universidade Federal de Juiz de Fora**, p. 83, 2017. Grupo de Educação Tutorial/GET - Engenharia Sanitária e Ambiental.

PELACANI, B.; MUNIZ, T. S. A.; PEREIRA, C. S. Educação Ambiental crítica e estudos de patrimônio crítico: intersecções e virada para pedagogias decoloniais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 14, n. 2, p. 133-151, 2019.

PESSOA, H. M.; TRISTÃO, M. Cartografia do desejo ambiental na universidade: possibilidades de atravessamentos da educação ambiental na formação acadêmica. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental-REMEA**, v. 36, n. 2, p. 190-206, 2019.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T.. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SALGADO, S. D. C.; MENEZES, A. K.; SÁNCHEZ, C. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a Educação Ambiental desde el Sur como possível caminho para a decolonialidade. **Revista Pedagógica**, v. 21, p. 597-622, 2019.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P.; NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, B. de S. (org.), **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**, Porto, Afrontamento, p. 19-101, 2004.

SATO, M.; SILVA, R.; JABER, M. Between the remnants of colonialism and the insurgence of self-narrative in constructing participatory social maps: towards a land education methodology. **Environmental Education Research**, v. 20, n. 1, p. 102-114, 2014.

STAHELIN, N. Spatializing environmental education: Critical territorial consciousness and radical place-making in public schooling. **The Journal of Environmental Education**, v. 48, n. 4, p. 260-269, 2017.

STORTTI, M. A.; SANCHEZ, C. Éducation à l’environnement du Sud: Approches et perspectives critiques à partir du panorama latino-américain. **Droit et cultures. Revue internationale interdisciplinaire**, n. 78, p. 159-168, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Ed.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, p. 93-126, 2007.

TRISTÃO, M. Educação Ambiental e a descolonização do pensamento. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental-REMEA**, p. 28-49, 2016.

TRISTÃO, M.; VIEIRA, R. R. Decolonizar o pensamento: apontamentos e entrelaçamentos epistêmicos com a Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental-REMEA**, p. 103-117, 2017.

VIEIRA, F. P. Um exercício decolonial na educação ambiental: a territorialidade em uma reserva extrativista. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental-REMEA**, v. 35, n. 2, p. 315-332, 2018.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. **UMSA Revista (entre palabras)**, v. 3, p. 30, 2009.

WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir,(re) existir y (re) vivir**. Quito, Ecuador: Abya Yala Abya Yala, 2013. (Serie pensamiento decolonial).